

NEE, Watchman. **A liberação do espírito**. Luz e Vida, 1997. 4 ed. 99p. Resumido por JL em agosto/1998. [Contém ensinamentos importantes sobre quebrantamento, mansidão e humildade; todavia, são comunicados erroneamente pela sua visão teológica específica, que não é reformada.]

Introdução

Para compreendermos o livro, precisamos entender alguns itens: Nee denomina o trio espírito, alma e corpo como homem interior, exterior e periférico respectivamente. Deus criou o homem pretendendo habitar no seu espírito para que este governe a alma (e ambos o corpo). Nee fala em destruir a alma no sentido de destruir sua ação independente. Ela deve ser sujeita ao espírito. Nee não advoga uma vida de supressão (ascetismo) e sim de sujeição. A alma precisa morrer através de Jesus e ser subjugada (Lc 21.19; 1Pe 1.9,22). O toque de Deus em nossa alma deve ficar tão claramente registrado quanto seu toque na coxa de Jacó. A alma é essencial para a plenitude da alegria e, através da morte de suas capacidades, deve aprender as realidades mais altas e profundas da vida sujeita ao espírito. Seu maior valor é como serva e isto só pode ser obtido através da cruz.

1. A importância do quebrantamento

O que nos impede de servirmos bem a Deus é o nosso próprio eu.

A) É a nossa alma não quebrantada que não permite que nosso espírito se manifeste. Deus quer quebrar nosso homem exterior para que o homem interior possa fluir. Reavivamento, zelo, orações e atividades são desperdício de tempo sem o quebrantamento, pois este é o único tratamento que pode capacitar o homem a ser útil diante de Deus.

B) Jesus nos ensina isto através de dois exemplos: o do grão de trigo (Jo 12.24-25), cuja casca precisa rachar para que a vida em seu interior produza fruto, e o do vaso de perfume puro (Mc 14.3), que precisa ser quebrado para se sentir a fragrância do perfume. A questão não é como obter a vida, mas como permitir que ela apareça. A vida do Senhor está sendo aprisionada por nós e por isso não se manifesta. Muitos acham que seu exterior é mais precioso que o interior (julgam-se importantes e superiores aos outros em algum aspecto).

C) O quebrantamento é o caminho para a frutificação, mas é um caminho salpicado de sangue. Não há espaço para nos pouparmos. Em cada evento de nossas vidas, a operação disciplinar de Deus tem um só propósito: quebrar o exterior para que o interior se manifeste. Muitas vezes, porém, murmuramos ao primeiro toque no nosso eu, esquecendo que todas as provações do cotidiano são o melhor que Deus tem para nós, sempre visando nos quebrantar. Quando não reconhecemos a mão de Deus operando em nós através das circunstâncias, atrasamos o cronograma do nosso quebrantamento.

D) O nosso amor-próprio é outra forte razão que atrasa a ação de Deus em nos quebrantar, pois o nosso eu deseja fugir da cruz. Esta cruz significa a morte do velho homem, do homem exterior, nossa alma. Quando nos submetemos à operação da cruz, surgem marcas e feridas que revelam o tratamento de Deus em nós e que permitem que o nosso espírito flua (conforme a história de Jacó). Sem quebrantamento, o conhecimento da Palavra e o que temos em nossa mente é totalmente inútil.

2. Antes e depois do quebrantamento

A) Sem quebrantamento, o serviço oferecido a Deus é impuro, pois nossos pensamentos e emoções se misturam no que fazemos. Anos de trabalho podem significar nada para Deus [obras mortas] quando baseados na alma. Muitos precisam chegar ao fim de sua sabedoria e ver o vazio do seu trabalho para reconhecerem sua inutilidade. É necessário aprender que é “o Espírito que vivifica”, não permitindo que a alma abafe o nosso espírito. Aquele que é verdadeiramente usado por Deus é aquele cujo pensamento e emoções não agem independentemente do seu espírito, mas são controlados por ele.

B) O Espírito Santo vive em nós e está intimamente ligado com o nosso espírito, ao ponto de não discernirmos qual é o Espírito Santo e qual é o nosso espírito (1Co 6.17). Quando deixamos nosso espírito fluir, as pessoas ao nosso redor entram em contato com ele e assim também têm contato com o Espírito Santo (Deus). A liberação do nosso espírito nos faz permanecer cada vez mais em Deus, trazendo revelação da sua Palavra e discernimento sobre o espírito de outras pessoas.

C) Após o quebrantamento, nosso espírito permanece continuamente na presença de Deus. As atividades do homem exterior não mais atrapalham nossa comunhão com Deus, pois a presença de Deus conosco não está baseado em nossos pensamentos (memória) ou emoções. A sua presença requer uma natureza igual à dele, só encontrada em nosso espírito. Assim, o senso de sua presença não cessa quando deixamos um momento de oração e começamos a trabalhar. Nosso homem interior passa a ser imperturbável diante das circunstâncias, permanecendo sempre em paz diante de Deus. Passa a haver uma nítida divisão entre a alma e o espírito (Hb 4.12) e aquilo que afeta o homem exterior não afeta mais o interior (pois estão separados).

D) Somente após Deus efetuar esta dupla obra em nós (o quebrantamento da alma e a separação entre alma e espírito) é que estamos aptos a liberar nosso espírito e servi-lo eficazmente. A alma é quebrantada pela disciplina do Espírito Santo e é separada do espírito pela revelação do Espírito Santo.

3. Reconhecendo a “coisa em mãos”

A) Nossa força física é limitada. Quando estamos com as “mãos cheias” (com um peso próximo ao nosso limite) não podemos carregar mais nada. Assim é também com a força do nosso homem exterior. Quando nossa alma está com as “mãos cheias”, ocupada com seus interesses, preocupações e afazeres, não sobram forças para buscarmos a Deus. Isto se exemplifica com uma babá cuidando de um nenê: não lhe sobra tempo para outras coisas pois não pode se distrair do nenê. Somente os que não gastam suas forças com as coisas da carne podem prestar atenção nas coisas do Espírito. Enquanto estivermos com as “mãos cheias”, não podemos fazer a obra de Deus. Pessoas com uma “vontade de ferro” ou com uma “mente ativa” impressionam por suas decisões rápidas e fortes nas coisas naturais, porém nas coisas de Deus em geral vacilam pois não sabem ouvir seu espírito. É necessário, pois, termos “mãos vazias”.

B) Assim como o Espírito Santo nunca passa por cima do espírito do homem, nosso espírito também não pode passar por cima da alma. Em outras palavras, o espírito precisa usar a alma para se comunicar com o mundo exterior. Se as forças da nossa alma estão consumidas com nossas mãos cheias, não sobram recursos para serem usados pelo nosso espírito. Deus precisa nos golpear até nos prostrarmos no pó e confessarmos “Senhor, não ousei pensar sozinho, preciso de ti”. Precisamos aprender que nossa vontade, mente e emoções não podem agir independentemente do nosso espírito, mas têm que estar submissas a ele. Deus não quer destruir nossa alma, mas quer que nosso espírito use nossa alma para amar, pensar e decidir. Para isso, nossa alma deve ser completamente quebrada de modo a não mais aspirar ao controle de nossas vidas.

C) Deus opera incessantemente em nossas vidas mediante sofrimentos, provações e impedimentos para nos quebrantar. Muitas vezes não percebemos que é a sua mão nos impedindo de fazer algo ou nos colocando em dificuldades. Frequentemente, os olhos de uma mula são mais aguçados que os dos que se julgam profetas (Nm 23). Balaão não reconheceu que era a mão de Deus que o impedia de passar e culpou apenas a mula. Quando Deus nos resiste, culpamos outras pessoas ou as circunstâncias, sem ver a mão do Senhor. Nada em nossas vidas é acidental. Devemos pedir a Deus que abra nossos olhos para vermos a sua ação em nós.

D) O propósito de Deus em esmagar nosso eu é imutável e as nossas orações não podem alterar esta lei. Não adianta orar pedindo bênçãos. Ao aprendermos a nos submeter à mão de Deus e a obedecer à sua lei, descobriremos que as bênçãos virão como resultado.

4. Como conhecer o homem

A) Nossa eficácia no serviço está estreitamente relacionada ao nosso discernimento da condição espiritual do homem: se o que foi dito veio do coração, o que foi deixado de dizer, se é soberbo ou humilde. Jesus sempre tinha uma palavra apropriada aos que o procuravam.

B) Não podemos usar uma só receita para curar todas as doenças. Primeiro temos que diagnosticar a enfermidade, mas para isso não podemos usar nossa mente ou sentimentos. Para discernir as necessidades de alguém, frequentemente não podemos considerar aquilo que ele diz. Doentes raramente compreendem qual é o seu problema verdadeiro. Temos que ter cuidado para não diagnosticar subjetivamente e achar doenças imaginárias. Devemos reconhecer quando não temos capacidade de tratar ou de reconhecer uma doença.

C) Como então diagnosticar? Nós somos os instrumentos de Deus, seus termômetros. Temos que estar bem treinados, pois não podemos ajudar os outros a superar problemas que ainda não superamos (Princípio Básico). O Espírito Santo opera nos outros por meio de nós, por isso precisamos estar calibrados.

D) Nosso espírito originalmente é puro, mas quando não somos quebrantados, não há divisão entre alma e espírito, e este é afetado pelas características impuras da alma. Para purificarmos o espírito, temos que tratar com a alma.

E) Após sermos quebrantados e termos nosso espírito liberado, podemos discernir os outros. Fazemos isso aguardando que ele fale (Mt 12.34). Não por aquilo que ele diz, mas pelo modo como ele fala (cf. Lc 9.54-55).

5. A Igreja e a obra de Deus

A) Antes da encarnação de Jesus, a plenitude de Deus não tinha limites. Em Jesus, estava limitada à carne. Jesus podia restringi-la, mas manifestou-a (Jo 6.38; 5.19; 12.49). Hoje Deus se restringe à Igreja e não agirá à parte dela [!]. A Igreja pode limitar ou não a sua manifestação. Deus deve ficar tão livre para manifestar-se na Igreja quanto era em Cristo.

B) O quebrantamento é o caminho para Deus estar livre em nós: **i)** lendo a Bíblia: precisamos ter o mesmo pensamento que o escritor tinha (e não ler com a nossa mente preconcebida) e precisamos tocar o Espírito que está na Bíblia. Sem o quebrantamento, a Bíblia é um livro morto em nossas mãos. **ii)** ministrando a Palavra: para liberar a Palavra que está dentro de nós precisamos deixar nosso espírito falar, pois nossa alma não quebrantada é empecilho à ministração da Palavra. Enquanto a casca permanecer intacta, a vida e o poder de Deus não podem fluir de nós para a Igreja, não há meio de expressá-los. **iii)** pregando o Evangelho: crê-se que as pessoas se convertem por convencimento doutrinário ou decisões emocionais. Estas razões não geram fruto que permanece, pois só quando o espírito do pregador toca o espírito dos ouvintes é que há genuína conversão. Por meio do nosso espírito, o Espírito Santo vivifica o espírito da outra pessoa que está em trevas.

C) Temos que confessar o nosso impedimento ao que Deus quer fazer e buscar dele um caminho para que o seu Espírito flua através de nós.

6. O quebrantamento e a disciplina

A) Para sermos quebrantados é preciso consagração. Ela é uma expressão da nossa disposição de estar nas mãos de Deus e varia conforme nosso discernimento espiritual. O Espírito Santo, entretanto, nos disciplina conforme nossas necessidades vistas do ponto de vista de Deus. Por isso, sua disciplina é eficiente e completa.

B) Geralmente não entendemos o que nos acontece e concluímos que não precisávamos passar por tais situações. O método de Deus não é fortalecer graça ao homem interior, mas quebrantar o exterior mediante as circunstâncias. Elas podem ferir dolorosamente nossa alma e assim ela é tratada. Todas as circunstâncias em nossa vida são controladas por Deus (Mt 10.29-30). Sabendo

que algo nos afeta e despedaça nossa alma, Deus nos faz passar por esta situação várias vezes. Se murmuramos, estamos ignorando a disciplina de Deus, que é o melhor para nós. Quando nos consagramos inteiramente, deixamos o Espírito operar sem restrição; não é de estranhar que coisas inesperadas ocorram em seguida.

C) A oração e a Palavra são meios de graça, pois nos aproximam de Deus para recebermos graça. Mas o maior meio de graça é a disciplina do Espírito. Se não a aproveitamos, sofreremos perda terrível e os outros perceberão em nós motivação mista: o amor pelo Senhor e por nós mesmos.

D) Deus tratará de todas as coisas às quais estamos ligados, até mesmo as triviais. Ele usará pessoas e circunstâncias para tratar nossos pensamentos, emoções e vontade. A dificuldade maior é com a nossa vontade. Os que falam facilmente que se submetem a Deus comprovam que nunca pagaram o preço. O começo da destruição do homem exterior é quando já não ousamos confiar em nós mesmos e ficamos aflitos com nossos fracassos. Só quando somos tratados por Deus é que vemos quão endurecidos somos.

E) A disciplina do Espírito nunca cessa. Ela visa nos quebrantar, isto é, nos livrar de todas as numerosas coisas em nossa vida que não podemos levar para a eternidade.

F) A cruz é mais que uma doutrina. O caminho para a humildade vem não por seguir ensinamentos ou por nos lembrarmos de não sermos orgulhosos, mas por sermos feridos por Deus vez após vez até nos rendermos. Mediante a operação da cruz aprendemos a depender da graça de Deus e não de nós mesmos.

7. A separação e a revelação

A) Deus deseja dividir nosso espírito e alma. Muitos misturam suas próprias habilidades e sentimentos com o poder de Deus. Fazem a vontade de Deus porque coincide com a sua. Para nos tornar úteis, Deus faz um tratamento duplo: quebranta nossa alma pela disciplina do Espírito e a separa do espírito pela revelação do Espírito.

B) Quando não temos o espírito dividido da alma, ela transparece junto com o espírito ao ministrarmos diante de Deus aos outros. Exibimos a Deus, mas também o nosso próprio eu. Deus tem que tratar do nosso ponto forte de modo definitivo e não superficial. Somente assim seu espírito pode ser liberado sem suas impurezas serem impostas sobre os outros. A impureza é o maior problema na vida dos servos de Deus. O nome do Senhor sofre dano porque damos aos outros o que é nosso junto com a Palavra de Deus.

C) A Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4.12-13): se não temos uma resposta viva a ela, foi porque não a ouvimos. É eficaz porque não volta vazia, mas prevalece ao atuar no homem. De que forma? Ela penetra no íntimo e divide alma e espírito. Ela discerne o que pensamos e as nossas motivações carnis. Sob a luz da Palavra, descobrimos que realmente amamos a nós mesmos e não ao Senhor. Ela nos humilha diante do Senhor e nos faz saber o que é de nós mesmos e o que é do Senhor.

D) O que é revelação do Espírito? É a capacitação para ver o que Deus vê (Hb 4.13). Tudo está descoberto aos Seus olhos. Quando ele abre os nossos olhos para vermos como ele, temos revelação. Uma pequena medida de revelação é o suficiente para nos prostrar, pois nosso orgulho cessa quando nos vemos como Deus nos vê. Quando a luz de Deus penetra intensamente em nós, conseguimos distinguir nosso homem exterior e quando é ele que se expressa. A divisão entre alma e espírito vem pela iluminação. A Palavra de Deus é eficaz porque nos ilumina para isso.

8. Que impressão damos?

A) Fazer a obra do Senhor não depende das nossas palavras e ações, mas do que sai de nós. Não conseguimos deixar de revelar aquilo que somos, pois nossa característica mais forte (seja a mente ou as emoções) sempre transparece, gerando uma impressão nos outros (exemplo: 2Rs 4.8-9 = Eliseu ao comer, transpareceu ser um homem de Deus).

B) Que impressão os outros têm de nós? Se não fomos ainda quebrantados, a impressão que deixamos não será espiritual, pois os outros verão o nosso homem exterior. Por isso Deus dispõe as circunstâncias para nos quebrantar em nosso ponto forte.

C) Além da disciplina, o Senhor lida com nosso homem exterior através da iluminação. A luz tanto revela quanto mata. A impureza exposta não permanece. Não é aos poucos, mas de uma só vez, como com Paulo. Quando Deus revela nosso verdadeiro eu, caímos como mortos. Uma vez descobertos diante de nós mesmos, não ousamos mais erguer a cabeça, pois temos vergonha da nossa condição desprezível (Jó 42.6). A luz nos liberta da nossa carne.

D) Comparando a disciplina com a revelação do Espírito, vemos que a 1ª é um processo lento e repetitivo, que leva anos, enquanto esta é um processo mais imediato (dias ou minutos), que se multiplica quando o ministério da Palavra é forte na igreja.

E) O Senhor não se preocupa tanto com nosso ensino quanto com a impressão que damos. As pessoas tocam em nós ou no Senhor? Isto determina o valor de toda nossa obra. O Senhor presta mais atenção ao que vem da nossa vida interior do que ao que sai da nossa boca.

9. A meiguice no quebrantamento

A) O método de Deus para nos quebrantar varia conforme o alvo (seja amor-próprio, orgulho ou uma habilidade). O ritmo também varia, mas toda disciplina visa ferir nosso eu, fazendo-nos esmagados e maleáveis em suas mãos, e tornando nossa vontade obstinada em quebrantada. Os que são tocados por Deus desta forma se tornam meigos, pois a meiguice [mansidão] é sinal de quebrantamento. Não se deve confundi-la com voz suave, pois teimosia é questão de caráter, não de aparência. A meiguice vem do temor do Senhor.

B) Qualidades da pessoa meiga: i) acessível para receber e dar instrução, e para confessar suas faltas; ii) sensível ao espírito dos outros; iii) pronta para vida em conjunto, pois percebe a mente do Corpo; iv) facilmente edificada pelos outros (pois toca o espírito deles e não apenas os analisa com a mente). Ser edificado não é adquirir maior compreensão (ou ensino), mas sim é tocar o Espírito com nosso espírito.

10. Dois caminhos

A) Há dois modos de recebermos ajuda: pela mente e pelo espírito. Somente quando tocamos e somos tocados pelo espírito dos nossos irmãos é que somos edificados. Isto ocorre quando já somos quebrantados. Assim podemos ter comunhão realmente espiritual.

B) A meiguice só virá através da obra do Espírito em nos quebrantar, não adianta tentar fingi-la. As coisas da carne que reconhecemos, porém, devem ser evitadas, sem que isso implique em imitar a obra do Espírito. Exemplo: posso combater o meu orgulho, mas não fingir que sou humilde. É resistir ao lado negativo sem fingir possuir o positivo. Devemos permitir que Deus faça a obra dentro de nós e acrescente a nós as suas virtudes.

C) Há diferença entre a mansidão natural e a que vem pela disciplina, pois a natural não está sob o controle do espírito, e pode se tornar um impedimento (quando Deus ordena, por exemplo, falar palavras duras). Além disso, a pessoa naturalmente mansa o é apenas enquanto tudo está conforme sua vontade. Quando é preciso fazer o que não gosta, contrariando o eu, as virtudes humanas desaparecem.